

ECONOMIA - BRASIL Lula garante que economia muda

Entre algumas vaias e muitos aplausos, presidente reitera que cumprirá compromissos

Em tom de desabafo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez ontem um dos discursos mais inflamados desde a sua posse para se defender das críticas ao seu governo e reafirmar o compromisso de mudar os rumos da política econômica do País.

Diante de uma platéia de sindicalistas ligados à Central Única dos Trabalhadores, que ele ajudou a fundar na década de 80, Lula se emocionou ao se defender dos protestos e até algumas vaias de setores mais radicais da central contra a proposta de reforma da Previdência e a condução da política econômica do governo.

"O que não pode é alguém julgar uma criança que ainda está no ventre da mãe. Porque nós temos apenas cinco meses de governo. Portanto, não vamos bater os braços nem gritar desesperados porque se pode morrer afogado desnecessariamente", disse, em discurso no 8º Congresso Nacional da CUT, em São Paulo.

Lula disse não se preocupar com as vaias e aproveitou para criticar os setores con-

trários às suas ações. "Eu queria dizer para vocês, em vez de alguns companheiros tão preciosos fazerem faixa contra, seria muito melhor dizer o que querem", disse.

As críticas de Lula também se estenderam à imprensa. Citou o caso do programa para assistência de doentes mentais: "Qual não foi minha surpresa, ao ver a televisão e ler os jornais. Eles não falavam quase nada do projeto, falavam de uma mulher que veio dizer que o Fernandinho Beira-Mar se recuperou porque estava lendo a Bíblia.

As vaias e faixas contra a reforma partiam principalmente do PSTU e dos grupos Organização Marxista Proletária e Liga Bolchevique Internacionalista, ambos de linha radical, mas com representação na CUT.

Preocupado com o clima tenso e a iminente reação hostil por setores radicais da platéia, o presidente da CUT, João Felício, fez um discurso em defesa de Lula e, animado, falou em reeleição. "Esse governo dará certo e, quem sabe, nós consigamos reeleger-lo para ficar oito anos", afirmou.

O QUE ELE DISSE

"Os preconceituosos contra mim diziam assim: 'Como é possível o Lula governar o País, se ele não sabe nem falar inglês, como ele conseguirá conversar com o Bush, conversar com o Tony Blair?' Estou provando que não preciso falar inglês para ser respeitado no mundo."

"Não me preocupo com vaias, porque eu acho a vaia tão importante quanto o aplauso. Tem gente que me vaiava porque eu queria criar o PT. Tem gente que me vaiou porque eu queria criar a CUT."

"Todo mundo sabe que eu farei a reforma agrária, não porque alguém quer ou porque é um compromisso histórico meu. É porque é uma necessidade fazer justiça social neste país."

"As vezes uma companheira, mulher, chega meia hora atrasada porque teve um problema qualquer, o marido está em casa e, ao invés de reconhecer as doze horas do trabalho dela prefere reconhecer apenas a meia hora que ela atrasou e por conta disso começa a brigar."

Sob pressão contra os juros altos, Lula deu tom de desabafo ao discurso no 8º Congresso da CUT



MARCELLO CASAL JR./ABR

JUROS 1

Indústrias vão reduzir ritmo

As indústrias já começaram a adotar medidas compensatórias para driblar as perdas provocadas pela manutenção da taxa de juro em 26,5% ao ano. A General Motors do Brasil anunciou ontem que dará férias para os funcionários da produção no período de 23 de junho a 2 de julho e a Ford deve ser a próxima montadora de veículos a conceder férias coletivas para seus funcionários. Até a fábrica de componentes para bicicletas Projema, em São Paulo, assinou nessa semana um acordo de redução da jornada de trabalho de cinco para quatro dias semanais.

JUROS 2

Comissão quer ouvir o vice

A Comissão de Economia da Câmara aprovou ontem requerimento convidando o vice-presidente José Alencar para expor suas idéias sobre a redução das taxas de juros vigentes no País. O requerimento foi apresentado pelo PSDB e a votação foi simbólica mas os deputados Delfim Netto (PP-SP) e Rubens Otoni (PT-GO) manifestaram-se contra o comparecimento de Alencar. O deputado Bismarck Maia (PSDB-CE) argumentou, a favor da convocação, que "ou o vice mudou de lado, ou o presidente e sua equipe econômica mudaram de lado".